

**INCLUSÃO DIGITAL: A VISÃO DE
ESTUDANTES INCLUÍDOS E
EXCLUÍDOS DIGITALMENTE SOBRE A
EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA.**

Março/2008

CEAD/UnB

SUSAN CARLA LAVARINI DOS SANTOS

susan.lavarini@pop.com.br

RESUMO

A Inclusão Digital é tema de grande relevância no contexto mundial e uma questão importante dentro das políticas públicas no Brasil. A Educação a Distância (EaD) é uma possibilidade real de se levar educação, em especial a Superior, aos mais diversos locais do País. Este estudo buscou verificar a visão dos alunos sobre a educação a distância que estão concluindo Ensino Médio e se a condição de excluído ou incluído digitalmente interfere nas atitudes em realizar um curso superior a distância. O referencial teórico versa sobre ações para a inclusão digital, a importância de sua realização, a relação entre educação e tecnologia e as barreiras para a Educação a Distância. O procedimento de coleta de dados buscou entrevistar alunos de escolas públicas que estão concluindo o Ensino Médio, identificá-los como incluídos ou excluídos digitalmente e verificar qual a visão deles sobre a EaD. Os resultados revelaram que diferenças não são significativas na visão dos alunos sobre a EaD no que se refere à condição de serem indivíduos incluídos/excluídos digitalmente. Evidenciou-se uma grande ausência de informações sobre EaD nas escolas públicas. Ao final foram apontadas algumas sugestões para o aperfeiçoamento do estudo realizado e futuras questões de pesquisa.

Palavras-Chave: Inclusão digital, Educação a Distância, Ensino médio.

1 INTRODUÇÃO

Na Era da Informática, a telemática causou grandes modificações na cultura, de um modo geral. A telemática é definida por Pinheiro (2005) como a adequada combinação das tecnologias com a eletrônica, informática e telecomunicações, e aplicados aos sistemas de comunicação,

As tecnologias de informação e comunicação (TIC's) e os seus desdobramentos, como a *internet*, vêm provocando uma “mudança de época” (SILVA, 1999 apud VARGAS, 2004, p.1). De acordo com Ribeiro (2004), o mesmo papel que outrora fora exercido pela imprensa de Gutenberg, hoje torna a *internet* a principal força propulsora da civilização para uma nova era, fazendo com que a sociedade industrial torne-se uma sociedade informacional (VARGAS, 2004).

Segundo Sá Filho (2006), as TIC's podem tanto acelerar o desenvolvimento da população mais desvalida nos aspectos sócio-econômicos, como aumentar ainda mais as distâncias sociais já existentes, manifestadas por meio da inclusão/exclusão digital.

No presente trabalho, entende-se por incluídos digitalmente os indivíduos que já passaram ou estão envolvidos em ações de primeiro nível de apropriação das TIC's, denominadas de ações de uso e acesso. Nesse primeiro nível de contato, há necessidade de interatividade, mas se limita a um tipo de inclusão digital mais passivo, em que não será importante analisar a qualidade dos acessos, mas somente a quantidade de acessos, o uso do computador sem auxílio de terceiros e outros itens que serão abordados durante o trabalho.

O ponto de partida deste trabalho foi o seguinte questionamento: de que maneira o binômio inclusão/exclusão digital interfere nas atitudes de estudantes do terceiro ano do Ensino Médio em relação a uma faculdade a distância?

2 REVISÃO DA LITERATURA

A exclusão digital não se limita a não ter acesso ao computador, mas, entre outros fatores, a ausência da democratização da informação com a ampliação do acesso ao cidadão.

A alfabetização tecnológica é um meio e não o fim da inclusão digital que têm por objetivo uma aplicação no campo social, preparando a sociedade para os novos desafios relativos ao desenvolvimento tecnológico.

Em resumo, incluir digitalmente é:

- ✓ Alfabetizar informacionalmente;
- ✓ Preparar os indivíduos para os desafios tecnológicos;
- ✓ Transpor ao lixo digital na busca da inteligência coletiva;

As políticas públicas devem ser o primeiro passo para uma inclusão digital efetiva e não estão relacionadas exclusivamente aos fluxos financeiros, mas à qualidade das ações que “não miram os desvalidos; aquelas que miram não acertam o alvo ou quando acertam, não provocam efeitos duradouros em suas vidas” (FGV, 2003, p.14).

As características de inclusão/exclusão digital foram abordadas acordo com os níveis de aprofundamento e utilização do ciberespaço.

O primeiro nível reporta ações de inclusão que denominadas ações pelo uso e acesso. São ações voltadas para uma inclusão digital de acessos à *internet* mais passivos, destinados ou não à educação, onde o esperado é simplesmente que os usuários tenham acesso ao computador, dominem a língua pátria, algumas palavras do inglês e aprendam a utilizar *softwares* básicos como editores de textos.

O segundo momento é aquele quando a inclusão digital ocupa espaço nas chamadas ações de provimento, cujas ações promovem o desenvolvimento e a difusão de bens e práticas culturais via ciberespaço e o conhecimento de alternativas de comércio eletrônico.

O último estágio de categorias de acordo com o nível de aprofundamento são as interações complexas em rede. Nesse momento, ações se ocupam em prover a comunidade com TIC's que possibilitassem um compartilhamento de conhecimento e de produtos culturais e de consumo em nível local e global.

Os obstáculos técnicos da Educação a Distância foram classificados, por Vargas (2004), em barreiras para implantação de programas de educação e treinamento a distância em dois níveis denominados barreiras institucionais e barreiras pessoais.

As barreiras institucionais são aquelas que interferem na implantação de um programa de educação e treinamento a distância e geralmente estão relacionadas às questões de tomadas de decisões e gestão dos recursos. Essas não foram objeto desse estudo.

As barreiras pessoais estão no nível micro-organizacional, referindo-se a características individuais que possam interferir na eficácia do evento instrucional.

- Barreiras demográficas (VARGAS, 2004): questões relacionadas ao gênero, idade, escolaridade, etc.
- Barreiras Situacionais (CROSS, 1982): situações de vida enfrentadas momentaneamente pelos indivíduos, como, a falta de tempo.
- Barreiras Institucionais (CROSS, 1982): ações que excluem ou desencorajam a participação em atividades educacionais como, horário inadequado do funcionamento da biblioteca ou dos encontros presenciais.
- Barreiras Disposicionais (CROSS, 1982): atitude e percepções sobre si mesmo desfavoráveis.
- Barreira Informacional (QURESHI et. al., 2002): foi incluída no modelo de Cross (1982) e que diz respeito à falta de informação relativa às oportunidades educacionais.
- Barreira Psicológica (QURESHI et. al, 2002): é uma renomeação das barreiras disposicionais, incluindo as crenças, valores, atitudes ou percepções que inibem a participação em atividades organizadas de aprendizagem, incluindo o receio de não terem seus sentidos refletidos pelas novas tecnologias que é denominado mídia fria.
- Barreiras motivacionais (VARGAS, 2004): dizem respeito ao que motivação dos indivíduos e suas atitudes em relação ao próprio evento, envolvendo fatores de origem

pessoal – como a auto-estima e o medo do fracasso - e situacional – situações imprevistas como, por exemplo, um divórcio.

• Barreiras tecnológicas (VARGAS, 2004): é caracterizado pelo receio ou medo de uma ameaça tecnológica, resistência ao uso da tecnologia, medo de operar um computador, receio dos desconhecido.

3 METODOLOGIA

3.1 Objetivo Geral

O objetivo geral é verificar se os jovens incluídos digitalmente são mais suscetíveis a fazer um curso superior a distância, em relação àqueles excluídos digitalmente.

3.2 Objetivos Específicos

Os objetivos específicos do presente trabalho são:

✓ Identificar se a participação em programas de inclusão digital contribui para a procura por cursos de graduação a distância no Brasil.

✓ Verificar se os indivíduos incluídos digitalmente possuem atitudes mais favoráveis sobre cursos a distância em relação aos excluídos digitalmente.

✓ Verificar fatores limitadores para a Educação a Distância no Brasil relacionados à utilização da informática, mais especificamente com o uso da *internet*.

3.3 Tipo de Pesquisa

A pesquisa utilizou o referencial qualitativo com uso de entrevista objetivando estabelecer a relação entre pessoas digitalmente incluídas e excluídas e a mundo das TIC's, tendo a *internet* como o meio de estudar a distância, tanto pela sua popularidade quanto pela importância que representa nas ações de educação e treinamento.

3.4 Participantes da Pesquisa

A pesquisa foi iniciada durante o período de férias escolares, o que levou a pesquisadora a selecionar, por meio de conversas informais sobre qual série estariam cursando e se estudavam em escolas públicas ou particulares, estagiários de um órgão público em Brasília/DF.

Assim foi definida uma amostra de alunos de escolas públicas do Distrito Federal e cursavam o 3º ano do Ensino Médio.

3.5 Instrumentos

3.5.1 Roteiro de Entrevista

A entrevista seguiu um roteiro semi-estruturado, construído a partir da revisão da literatura empreendida e realizou-se com o áudio gravado.

O objetivo foi identificar elementos associados ao *status* de indivíduo incluídos ou excluídos digitalmente e suas atitudes em relação a EAD.

O roteiro foi enriquecido com desdobramentos das perguntas iniciais de acordo com as respostas dos entrevistados e o interesse demonstrado pelo assunto, de forma a se obter maior informações ao longo do processo de interação entre o entrevistador e os entrevistados.

3.5.2 Procedimentos de coletas de dados

As entrevistas foram realizadas em três locais diferentes.

Na que se refere aos alunos estagiários do órgão público, as entrevistas foram realizadas no próprio local e ao término do horário do estágio, conforme combinado previamente.

As entrevistas na escola pública do Guará II/DF foram realizadas na Biblioteca da escola, que é aberta à comunidade, e mediante autorização da bibliotecária. As realizadas no Paranoá foram feitas com alunos que não estavam em sala de aula.

As respostas tiveram o áudio gravado no formato MP3.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Análise por categoria

As entrevistas foram transcritas integralmente pela própria pesquisadora e após a releitura das transcrições as informações foram destacadas em unidades significativas organizadas em temas relativos a inclusão/exclusão digital e a Educação a Distância, e esses temas foram categorizados. As categorias dos dados das entrevistas foram definidas como:

- Categoria 1 – Excluído digital: entrevistados não pertencentes a nenhuma das outras categorias.
- Categoria 2 -Incluído digitalmente por ações de uso e acesso: nessa categoria era esperado simplesmente que o entrevistado tivesse acesso passivo a internet passivo para entretenimento, jogos, pesquisas escolares, entre outros.
- Categoria 3 - Incluídos digitalmente por ações de provimento: nessa categoria foram incluídos os entrevistados que demonstram uma utilização atitude mais ativa na internet como, por exemplo, difusão de bens, comércio eletrônico.
- Categoria 4 - Incluído digitalmente por interações complexas de rede: essa categoria foi composta por entrevistados que interagissem ativamente com a internet no sentido de produção de conhecimento.

Foram entrevistados 18 alunos de escolas públicas com idade entre 15 a 40 anos, sendo que 11 trabalhavam ou estagiavam.

Em relação ao tema inclusão/exclusão digital 2 dos entrevistados eram excluídos digitalmente, 14 incluídos por ações de uso e acesso, 2 incluídos por ações de provimento e não houve representante de inclusão por interações complexas de rede.

No que diz respeito às políticas públicas em relação ao tema inclusão digital, foi analisado a possibilidade de se acessar a *internet* em computadores instalados nas próprias escolas como se dá esse tipo de acesso e se a escola é local habitual para se acessar a internet.

Foi indicado pelos entrevistados, que somente 6 escolas possuem computadores com acesso a internet, sendo que somente 5 estão com os equipamentos funcionando.

Das escolas que disponibilizam computadores com acesso a *internet* este é limitado aos períodos em que o “laboratório de informática” não está sendo utilizado para aulas de informática.

Do local habitual de acesso à internet, a residência obteve 8 representantes, seguida pelo trabalho(6), 2 responderam outros locais, a escola e a *lan house* tiveram 1 representante os sem acesso 2 entrevistados.

Em relação ao tema barreiras pessoais para a EaD, os resultados da pesquisa apontaram que todos os 18 entrevistados apresentaram algum tipo de barreira pessoal.

As barreiras tecnológicas estiveram presentes em 4 entrevistados, mesmo número encontra na barreira motivacional relacionada com a mídia fria. As demais barreiras motivacionais, a exceção da informacional que esteve presente em todos os entrevistados, encontraram representação em 8 indivíduos.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os resultados foram discutidos tendo em vista o objetivo da pesquisa, a fundamentação teórica e as entrevistas realizadas.

Em relação ao tema inclusão e exclusão digital a maioria dos entrevistados (16) são incluídos digitalmente. O número de entrevistados incluindo por ações de provimento foi exatamente o mesmo dos excluídos digitalmente (2). A maior parte dos incluídos era por meio de ações de uso e acesso (14) e não houve nenhum entrevistado incluído por interações complexas de rede.

Esses resultados apontam que as interações dos alunos com a *internet* ainda se dá, na grande maioria, de forma passiva, sendo muito mais receptores de informações do que indivíduos que produzem conhecimento no ciberespaço.

Em relação ao local de onde habitualmente acessam a internet, 8 entrevistados acessam de casa, 6 do trabalho. A escola teve 1 representante como local habitual de acesso, enquanto 2 entrevistados afirmaram que não acessam a rede mundial de computadores com habitualidade. O acesso à *internet* nas escolas é restrito, na maioria das escolas dos entrevistados (12), computadores disponíveis para o acesso à *internet* e quando eles existem, estão sem funcionar (13).

Nesse ponto cabe uma reflexão sobre como andam as políticas públicas de democratização do acesso à *internet*, porque se os participantes da pesquisa dependessem de acessar a *internet* exclusivamente pela escola, a grande maioria não poderia conectar-se a rede mundial de computadores.

Pode-se, a partir dos resultados sobre o local de acesso à internet, inferir que se os alunos dependessem exclusivamente da escola para acessar a internet, provavelmente estariam excluídos digitalmente, tal como os dois entrevistados que não acessam a *internet*.

Retoma-se, portanto, o que diversos autores (SÁ FILHO, 2006; RIBEIRO, 2006; MIRANDA E MENDONÇA, 2005) já constatavam: que as escolas devem ser um espaço aberto para promover a inclusão digital. Além de equipadas, elas devem ser geradoras de oportunidades para resolver desde os problemas mais simples do cotidiano (ações pelo uso e acesso) até produção de informação (interações complexas).

Assim, as políticas públicas podem estar com problemas nas ações de inclusão digital. Tais problemas podem estar relacionados com:

- ✓ a qualidade das ações promovidas, no sentido de acertar o público alvo e provocar efeitos duradouros;
- ✓ fatos já relatados por Gonçalves (2003) como o baixo número de computadores e custo da manutenção após o período de garantia, gerenciamento das salas informatizadas, entre outros;

Em relação aos resultados sobre Educação à Distância, a grande maioria dos entrevistados (13) não faria uma faculdade a distância por diversos fatores: estarem excluídos digitalmente, receio da mídia fria, incerteza em relação à qualidade, a eficiência e a aceitabilidade de um diploma pelo mercado. Ao associar os resultados sobre atitudes sobre Educação a Distância e o tema inclusão digital, encontramos que embora a maioria dos entrevistados (16) é incluída digitalmente e somente a minoria (5) faria uma faculdade a distância. O que indica que a inclusão/exclusão digital, no caso da amostra dessa pesquisa, não interfere na visão dos alunos sobre a EaD.

Todas as barreiras encontradas nos entrevistados puderem ser enquadradas nas barreiras pessoais para a EaD apresentadas por Cross (1982), Qureshi et al. (2002) e Vargas (2004)..

Em termos de barreiras demográficas, os entrevistados tinham entre 15 e 20 anos (11), tinham a idade, entre 21 e 30 anos (6) e acima de 31 (1). Vários trabalhavam ou estagiavam (11) tinham acesso a computadores conectados à *internet*.

Relacionado os dados encontrados entre os entrevistados que trabalham ou estagiam (11) e o trabalho como local habitual de acesso a internet, podemos inferir que o trabalho ou estágio são oportunidades de viabilização da inclusão digital.

Barreiras tecnológicas foram encontradas em 4 dos entrevistados que apontaram as TIC's como o principal motivo em não se realizar uma faculdade a distância..

Um aspecto curioso em relação às barreiras tecnológicas que surgiu durante as entrevistas foi que os alunos excluídos digitalmente não são necessariamente indivíduos que não acessam a *internet*. Eles dependem de um local, como uma *lanhouse*, onde se encontram os computadores já prontos para o uso e limitam-se a entrar em portais, não sabendo executar outras tarefas diante de um computador tais como ligar, desligar, imprimir, entre outras. Pode-se compará-los a indivíduos analfabetos funcionais, que apenas assinam o próprio nome. Da mesma forma que esses, o analfabeto digital aqui entrevistado acessa a *internet*, mas se limita àquilo que foi ensinado.

Assim, o limitador encontrado foi especificamente domínio computador e não fato de acessar ou não a *internet*.

No tocante às barreiras pessoais, as que dizem respeito a motivação foram as que mais encontraram representatividade.

As barreiras psicológicas ou disposicionais foram encontradas nas falas de 12 dos entrevistados. Verbalizações como “posso não aprender o suficiente” e “não acredito na qualidade” estão relacionadas com crenças, valores, atitudes e percepções dos indivíduos.

Dentro das barreiras psicológicas a mídia fria encontrou uma representatividade em 4 dos entrevistados, o que pode demonstrar, uma vez que 18 dos entrevistados são incluídos digitalmente, que o medo da ausência de uma interação pessoal está presente nos alunos que participam do ciberespaço.

Ainda nas barreiras motivacionais, a barreira informacional apareceu em 100% dos alunos entrevistados, o que indica que, nas escolas públicas em que estudam, não há informação sobre EaD dentro da sala de aula.

Essa ausência de informações gera uma limitação nos aspectos educacionais, restringindo a escolha dos alunos em relação à modalidade de educação que desejam e, muitas vezes,

impedindo-os de cursarem um curso superior, seja pela concorrência dos vestibulares para cursos presenciais nas Universidades Federais ou Estaduais ou pelo custo da Educação Superior Privada.

Esses dados confirmam a posição de Gonçalves (2003) de que a escola deve se apropriar das ferramentas que agregam conhecimento para solucionar problemas e apresentar novos caminhos a serem descobertos e percorridos na era da informação onde a EaD está incluída.

Os resultados apontam no sentido de que as políticas públicas devem ser o primeiro caminho para a inclusão, como afirmado por Sá Filho (2006), e na escola, conforme Gonçalves (2003), deve estar em simbiose com a tecnologia para que a comunicação permita que os alunos utilizem as TIC's para a produção de informação.

Assim, de acordo com os resultados é preciso inserir nas escolas a cultura de mudança de época em que vivemos, não só no sentido de criar em laboratórios de informática, mas também, torná-los mais disponíveis aos alunos a fim de que as TIC's façam parte do cotidiano escolar.

E ainda, é necessário informar. Sem a informação torna-se mais difícil as políticas públicas, sejam de inclusão digital ou de expansão da EaD, serem eficazes, tendo em vista que aqueles indivíduos que constituem o alvo a ser atingido não têm acesso sequer a informações básicas, que certamente influenciarão nas decisões pessoais.

Dessa forma, a presente pesquisa mostrou-se relevante por confirmar alguns estudos já realizados, enquadrando jovens estudantes incluídos ou não digitalmente como indivíduos que possuem barreiras fazerem um curso superior a distância, sendo que a ausência de informação sobre a EaD foi o aspecto mais representativo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho era verificar se o fenômeno da inclusão/exclusão digital interferia na visão de estudantes do ensino médio sobre a Educação a Distância, bem como suas atitudes em relação a possibilidade em realizar um curso Superior a distância.

Durante o desenvolvimento do trabalho foi constatado que a maioria dos entrevistados eram incluídos digitalmente. Isso nos levaria, por início, a acreditar que teriam atitudes mais favoráveis a EaD do que os excluídos digitalmente, haja vista que estes não tinham proximidade com as TIC's (o computador e a *internet*). Entretanto, tal fato não pode ser confirmado. Tanto quanto os excluídos, os incluídos digitalmente não apresentaram, em sua maioria, atitudes favoráveis em estudar a distância.

Analisando os dados das entrevistas, foi possível verificar que as respostas tanto dos incluídos digitalmente quanto dos excluídos foram semelhantes em relação às barreiras para a Educação a Distância: a falta de contato com o professor, não saber manusear o computador e não confiar nos cursos em EaD foram os principais pontos expostos por ambos os grupos de participantes.

Um aspecto que foi considerado de grande relevância foi a ausência de informações nas escolas sobre a Educação a Distância. Todos os entrevistados ouviram falar em Educação a Distância somente fora da escola e sem grande profundidade. Nenhum professor deles comentou sobre a possibilidade em se graduar a distância, o que demonstra uma fragilidade das políticas públicas na difusão do ensino a distância.

Assim, o presente estudo sugere que:

- Não ficou comprovada que a inclusão digital é fator preponderante para se ter atitudes favoráveis em relação a Educação a Distância;
- Os jovens entrevistados excluídos digitalmente podem até acessar a *internet*, geralmente de uma *lanhouse*, mas não sabem lidar com o computador de forma básica, por exemplo, não sabem ligar/desligar a máquina e/ou imprimir;
- As ações para a inclusão digital, propostas por Sá Filho (2006), se mostraram adequadas ao estudo para categorizar as respostas dos entrevistados.
- A ausência de informações em torno da EaD compromete a visão dos alunos e, conseqüentemente, a decisão em cursar ou não um curso Superior a distância;
- As barreiras para a Educação a Distância estabelecidas por Cross (1982), Qureshi et al. (2002) e Vargas (2004), puderam ser aplicadas no pesquisa e correlacionadas com as atitudes dos entrevistados em relação a EaD. Alguns fatores limitaram esse trabalho: as férias escolares, que não permitiram acessar o número de entrevistados, conforme previsto inicialmente; a ausência de informações sobre qual curso superior os entrevistados desejariam realizar, que implicou na impossibilidade de entrevistar indivíduos que desejassem fazer os cursos que existem tanto na modalidade presencial quanto a distância.

Tendo em vista que a ausência de informações sobre a EaD – barreira informacional – foi marcante no estudo, o aperfeiçoamento do presente trabalho deve caminhar no sentido de investigar o porquê dessa barreira estar presente em todos os entrevistas.

Sugere-se entrevistas em grupo, com professores e alunos, discutindo o assunto de forma aberta e envolvendo informações sobre EaD, apresentaria de forma contundente a

visão dos alunos e professores, bem como as atitudes de ambos grupos em relação a cursos Superiores a distância e o motivo pelo qual não são repassadas ou caso sejam de que forma, aos alunos informações, na escola, sobre a Educação a Distância.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Edições 70. 1977.

BAUER, M.W; GASKELL, G. *Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som*. Petrópolis, Vozes. 2002.

BENSON, S.J. Computer Anxiety: impediment to technology integration? 2002. Acessado em: <<http://pt3.nmsu.edu/educ621/sharon2.html> .> 14 de nov. de 2007.

BRASIL, 2000. Sociedade da informação no Brasil: livro verde. Ministério da Ciência e Tecnologia . Brasília.

BRASIL, 2001. Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica – SAEB. Ministério da Educação. Brasília.

BRASIL, 2003. FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS - FGV. Mapa da exclusão digital. São Paulo. Disponível em: <http://www2.fgv.br/ibre/cps/mapa_exclusão>. Acesso em: 01 mar. 2007.

BRASIL, 2006. ENAD – Exame Nacional de Desempenho de Estudantes. Ministério da Educação. Brasília.

BRASIL. 2008. Anuário Brasileiro Estatístico de Educação Aberta e a Distância – ABRAEAD. São Paulo. Instituto Monitor.

BRASIL. 2008. Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância. Disponível em: <<http://www.abed.org.br>> . acesso em 20 abr. 2008.

BURKETT, R.S., Spector, B.S., Steffen, C.O. & Verteuil, N. *Students's Reactions to Constructivist Web-based Learning of STS*. Association for the Education of Teachers in Science. Annual Conference, Costa Mesa, CA. 2001.

CACCIA BAVA, S. *Democracia e participação*. In Teixeira, A.C.C (org). *Os sentidos da democracia e da participação*. São Paulo. 2005.

CROSS, K.P. *Adults as Learners: increasing participation and facilitating learning*. San Francisco: Jossey-Bass Publishers. 1982.

FERRARI, R. *As faces da exclusão digital e o esforço da inclusão*. 2003. Disponível em: <http://www.iar.unicamp.br/disciplinas/am625_2003/roseli_artigo.html .> Acesso em:

GONÇALVES, I. *Reconhecendo a simbiose entre comunicação, tecnologia e educação*. Dissertação Mestrado em Engenharia de Produção. UFSC, Florianópolis, 2003.

MACIEL, N.M.L. *Uma arquitetura de ensino superior a distância para o Instituto Xingo: estreitando fronteiras na ampliação de horizontes educativos*. Dissertação de Mestrado. – Florianópolis/SC. 2002.

MIRANDA, A.L.C.; MENDONÇA, A.V.M. *Informação e desenvolvimento em uma sociedade digital*. Revista Inclusão Social, Brasília, v. 1, n. 2, p. 53-57, abr./set. 2006.

PINHEIRO, J.M. *Quem é o profissional da telemática*. 2005. Disponível em : <http://www.projetoderedes.com.br/artigos/artigo_quem_eh_o_profissional_de_teleatica.php> . Acesso em 15 fev. 2008.

QURESHI, E. MORTON, L.L. & ANTOSZ, E. – An Interesting Profile-University Students who Take Distance Education Courses Show Weaker Motivation Than On-Campus Students. 2002. *Online Journal of Distance Learning Administration*, Vol. V, no. IV. Acessado em 14 de novembro, 2007, de: <http://www.westga.edu/~distance/ojdla/winter54/Qureshi54.htm>

RIBEIRO, A. A. *A TV digital como instrumento para a universalização do conhecimento*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis, 2004.

ROUSSEAU, K. *A Natureza das dificuldades e facilitadores inerentes a um processo de mudança transformadora em organizações produtivas*. Dissertação de Doutorado. PUC – Rio de Janeiro, 2007.

SÁ FILHO, C.A.C. *Influência das TIC's na dinâmica cultural e política de comunidade*. Dissertação Mestrado. Universidade de São Paulo. São Paulo. 2006

SILVA, J.S. (1999). *El Cambio de Época, el Modo Emergente de Producción de Conocimiento y los Papeles Cambiantes de la Investigación y Extensión en la Academia del Siglo XXI*. I Conferencia Interamericana de Educación Agrícola Superior e Rural. Panamá.

SILVEIRA, S.A. *Software livre e inclusão digital*. Palestra ministrada na USP. São Paulo. 2005

TEDESCO, J.C. *Os fenômenos de segregação e exclusão social na sociedade do conhecimento*. 2002. Cadernos de Pesquisa, n. 117, npo. v1e3m-2b8r,o n/o2v0e0m2bro/ 2002

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Centro de Educação a Distância. 2008

VARGAS, M.R.M. *Barreiras à implementação de programas de educação e treinamentos a distância*. Dissertação de Doutorado. Brasília. 2004.

ZAINA, L.A.M.. *Acompanhamento do Aprendizado do Aluno em cursos à distância através da Web: metodologias e ferramentas*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, 2002.